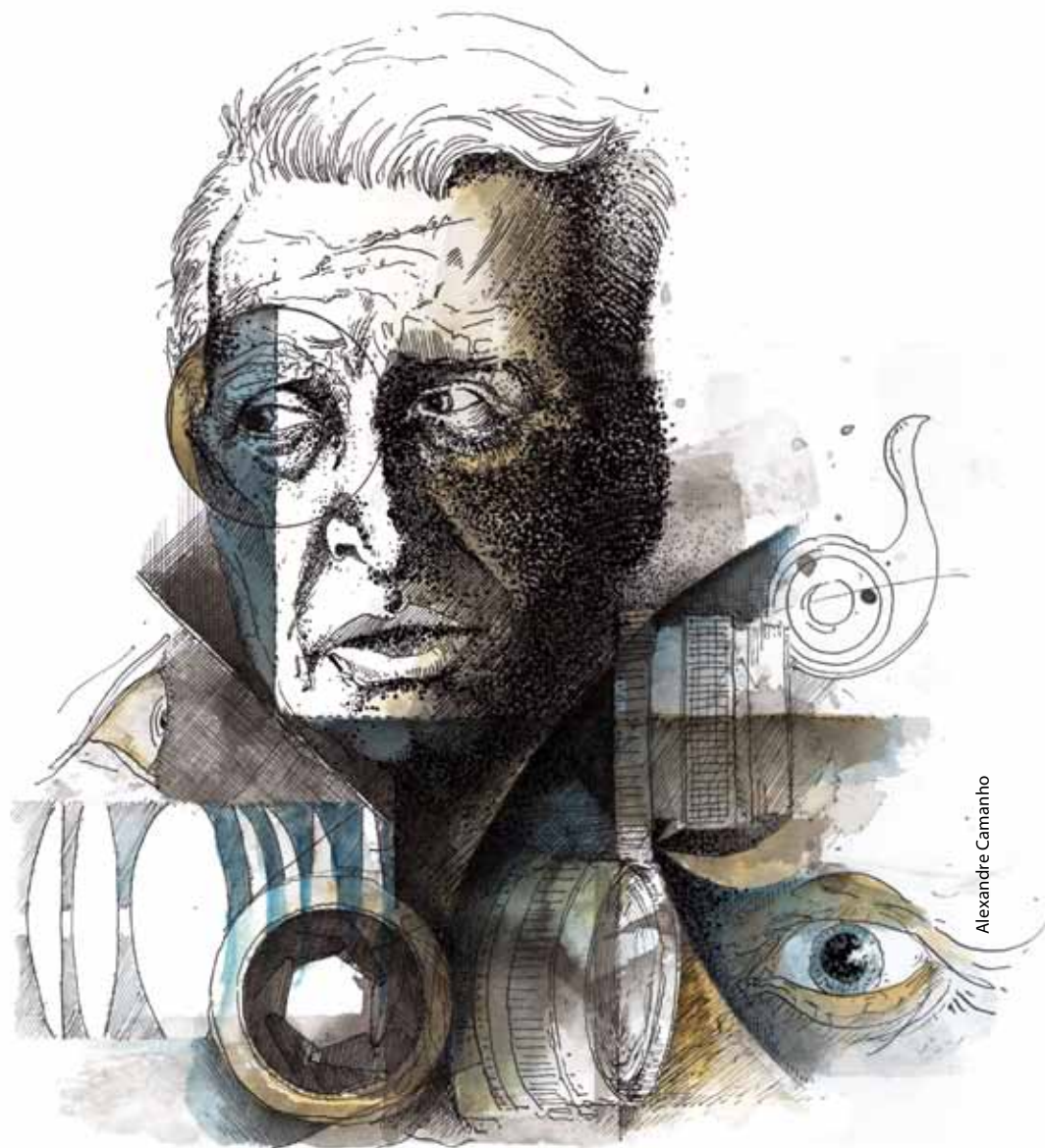


ROLAND BARTHES E O SIGNO FOTOGRAFICO

Rodrigo Fontanari



Alexandre Camanho

OS SIGNOS PERDEM ROLAND BARTHES

Ao analisar o mundo barthesiano, o primeiro questionamento que se faz é: afinal, quem foi Roland Barthes? Ao propor essa pergunta, outras tantas inquietações são suscitadas: um teórico da literatura? Um crítico literário, teatral, cultural? Um semioticista, analista das imagens e da moda? Um teórico da fotografia? Um filósofo? Um conselheiro sentimental? Resta ainda uma outra importante questão: em que corrente intelectual situá-lo? Foi um marxista? Um estruturalista? Um subjetivista? E, afinal, a que gênero pertencem seus escritos? Jornalístico, ensaístico, romanesco, didático?

Uma possível resposta é que Roland Barthes foi tudo isso sucessivamente e ao mesmo tempo. Tal é seu vertiginoso deslocamento teórico e temático que o levou a se definir, como está expressamente exposto nas primeiras linhas de *Aula*, como “sujeito incerto” e – por que não dizer? – um sujeito impuro. Um pensador que não estabeleceu para si amarras metodológicas. Trilhou caminhos (metodologias) interessantes guiados ao sabor das suas intuições, sem ter o rigor acadêmico da precisão do método. Barthes (2003), lembrando Baudelaire, afirma que deveria ser incluído na *Declaração dos Direitos do Homem* o direito de ir embora e de se contradizer. O projeto de Barthes era ensinar a “sonhar alto” sua pesquisa, “sem querer agarrar tudo” (“*ne pas vouloir saisir*”), querer tudo saber, o que causava verdadeira vertigem e decepção naqueles que buscavam inscrever e situar suas pesquisas sobre a rubrica de pensamento “barthesiano”. Como aponta Haroldo de Campos em seu *Metalinguagem & Outras Metas*, a obra de Barthes não pode ser definida por um “ismo”, já que sua abordagem dos fenômenos culturais e literários nunca teve um rigor metodológico em suas análises.

Corroborando esse pensamento, magistralmente Leyla Perrone-Moisés (1985, p. 80), em seu livro *Barthes: Saber com Sabor*, analisa a questão do método de pesquisa para Barthes:

“Para caminhar é preciso fixar etapas; no final, o que interessa é o próprio caminho, e os desvios que nele se encontram. Pesquisar como se soubesse o que se busca; levantar, universalmente, hipóteses; adotar, cientificamente, métodos; efetuar, diligentemente, o trabalho. Mas saber que a hipótese é uma miragem, o método uma bengala que a certo ponto se pode jogar fora, e que todo trabalho que vale a pena se nutre do desejo e por ele se justifica”.

Muito desse “anarquismo” barthesiano tem a ver com seu modo de pensar o ensino, sempre vinculado à figura da mãe que encoraja, incita, cerca. Um ensino guiado pelo paradigma do mestre que, na literalidade, nada ensina, mas desperta o sujeito para seu saber.

Tal fato coloca em desconforto ainda quem ousa investigar o pensamento de Barthes, um dos maiores pensadores franceses do século XX, pois não faltam a eles críticas que alvejam principalmente aqueles que buscam delinear uma provável linha mestra em torno de algumas temáticas que foram suas obsessões. Não obstante, sabemos o quanto pesa fazer esse tipo de afirmação que vai à contracorrente dos seus críticos que interpretam apressadamente os textos do autor e dos próprios comentadores. Sempre se questiona a validação de atribuir, em meio a esse emaranhado de fios de fusos que constituem os vários textos reflexivos de Barthes, a força de uma teoria, posto que é o próprio autor que coloca de saída o não desejo da sua obra em ser uma teoria para o objeto. E mesmo em meio à biografia do autor, Louis-Jean Calvet coloca que o “Sistema Barthes” (o método barthesiano) depende muito mais de uma “forma de olhar” que de uma teoria.

O que parece porém, é que esses críticos esqueceram, no que toca à própria afirmação de Barthes, o quanto ele foi um sujeito subversivo, que desejava que aqueles que seguiam seus cursos na *École Pratique des Hautes Études en Science Sociale* e no *Collège de France* mantivessem com seus objetos de pesquisa uma “relação amorosa” para que seus trabalhos não se tornassem um murmú-

RODRIGO FONTANARI
é doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, com período de estágio no Centre Roland Barthes (Université de Paris VII).

rio de pesquisas indiferentes e indiferenciáveis. Esqueceram, principalmente, a lição da palavra *teoria*. Tomemos a etimologia da palavra em francês, *théorie*, proveniente do grego *thea*, que significa um “modo de ver”; um “modo privilegiado de olhar próximo de Deus”; ou ainda uma “ação de observar”. Nesse sentido, encontramos em Barthes uma teoria, ainda que não de forma evidente, pois, se tomarmos alguns textos a partir do plano da expressão, eles são considerados poéticos demais para ser ciência. Já no plano do conteúdo, ficam mais evidentes a articulação e a construção de um pensamento. Na medida em que podemos encontrar em seus textos uma articulação de conceitos, é possível, por consequência, depararmos com a constituição de uma teoria (visão) a respeito do objeto (*corpus*) tomado para análise.

O PROJETO SEMIOLÓGICO OU SEMIÓTICO

Parece necessário delinear-mos, nesse horizonte, a unidade que liga toda a obra de Barthes, desde *O Grau Zero da Escrita* até seu derradeiro livro em vida, *A Câmara Clara*.

A estrutura comum que parece unir a abertura e o fechamento dessa magistral obra poderia ser resumida num projeto comum: a caça às falsas evidências. Havia em Barthes essa vontade de desvendar e de revelar o compromisso histórico (político) de qualquer discurso, tendo na linguagem o seu material evidente, seja na forma de texto literário ou então encontrado por debaixo, raspando a crosta sgnica que recobre o discurso do vestuário, do cartaz publicitário em outros objetos da cultura.

O esforço de Barthes está para além de compreender o signo, perpassa pelo meio ambiente cotidiano, pela cultura, na medida em que aí se encontram, ao mesmo tempo, objeto e instrumento de comunicação.

O que é subversivo na semiótica barthesiana é a dissecação, que não consiste em opor os signos a outros signos, mas em escancará-los, mostrar do que são feitos. Em outras palavras, a semiótica de Barthes consiste em

assinalar o signo e tentar indicar o que existe além do mecanismo de construção de sentido empregado no processo de enunciação.

Diante da linguagem, estamos ao mesmo tempo perante uma luta contra duas faces linguísticas: de um lado, no plano dos significados (problemas semânticos) e, de outro, na destruição dos significantes, depondo e opondo contra o signo.

Cabe, a essa altura, uma ressalva: o século XX é notadamente marcado pelo apogeu do paradigma semiótico de cunho estruturalista na obra de Roland Barthes. Como aponta Winfried Nörth em *A Semiótica no Século XX*, os termos “semiótica” ou “semiologia” e “estruturalismo” são tomados praticamente quase como sinônimos. Para todo efeito e com a finalidade de desfazer a problemática da nomenclatura “semiótica” ou “semiologia”, podemos dizer que, para alguns autores, o termo “semiologia” está a serviço dos objetos linguísticos fortemente marcados pela tradição dos estudos de Ferdinand Saussure (1857-1913), ao passo que a “semiótica” estaria para aqueles não linguísticos, vinculados, sobretudo, à tradição anglo-saxã, que tem como figura-mestre Charles Sanders Peirce (1839-1914). De maneira geral, para ambas as ciências, é o signo que importa em meio a esse jogo de nomenclatura, como elemento produtor de *semiose*, processo inerente ao ser humano e no qual se estabelece uma relação entre o signo, o seu objeto (conteúdo) e a sua interpretação.

Portanto, a semiótica barthesiana consiste num olhar político sobre os signos, que nada mais é senão excitação do olhar crítico. Essa excitação é uma desconstrução do mundo que nos rodeia, de tal forma que nele encontremos a função-signo, isto é, um mundo signo dele mesmo. Essa função-signo ocorre em muitos sistemas semiológicos cuja substância de expressão não é significar. São objetos de uso sobre os quais a sociedade impôs significação derivada pela finalidade de uso no contexto social. Esforçamo-nos por encontrar neles um desvio de significação que o código constrói por meio da linguagem.

O projeto semiótico de Barthes está nesse imbricamento entre o explícito e o implíci-

to, o denotado e o conotado do processo de comunicação-significação. É a ciência de todas as significações e, estando as significações em todas as instâncias socioculturais, até mesmo nos objetos de uso, é a ciência da sociedade enquanto se significa e, ao mesmo tempo, se distorce, acenando que a semiótica barthesiana tenderia a tornar-se a ciência da ideologia, ou uma ciência que teria a ideologia como último objeto de estudo. Muito mais do que uma busca pela denúncia do falsário no discurso, seu projeto se apresenta em meio à sua heterogeneidade de objetos e de métodos, um *continuum* maior que o olhar ácido sobre o signo.

Roland Barthes é tido como um impostor no campo da semiologia para Troubetzkov, Buysse, Martinet, Prieto, na medida em que esses autores acusavam-no de embaralhar as nomenclaturas (signo/símbolo/índice) e de tomar emprestados aleatoriamente os conceitos e métodos saídos da linguística e aplicá-los aos seus objetos de estudo. Como aponta François Dôsse em *A História do Estruturalismo*, Barthes, com sua noção muito ampla de signo – tudo que se reveste de uma significação –, leva seus críticos em semiologia a afirmar que ele desviou o projeto original estabelecido por Saussure de desenvolver uma semiologia da comunicação para estabelecer uma simples semiologia da significação.

A semiologia da comunicação joga com a hipótese de que nesse instrumento denominado língua predomina a função de comunicação. Todo sistema de signo tal como a língua tem como função principal a comunicação. O termo “comunicação” é entendido como a intenção de propagar (emitir) mensagem através de um meio que o destinatário reconhece como meio de comunicação. Para esse campo de investigação, a língua é um instrumento neutro que não pertence ao campo das relações sociais e políticas. Ela se ocupa da descrição do funcionamento dos sistemas de comunicação não linguísticos. Na contracorrente, a semiologia da significação, que tem em Barthes seu representante ilustre, entende a língua e todos os fenôme-

nos significativos – o sistema de objetos de uso (função-signo), as artes e a comunicação de massa – a partir de um viés mais sociológico, vendo nesses diversos segmentos um fundo de linguagem umectada de ideologia. Barthes busca, nesses vários textos, a tessitura do conteúdo latente (o sentido conotativo) da linguagem. Nas palavras do próprio Barthes (1980, p. 39),

“[...] A semiologia não é uma chave, ela não permite apreender diretamente o real, impondo-lhe um transparente geral que o tornaria inteligível; o real, ela busca antes soerguê-lo, em certos pontos e em certos momentos, e ela diz que esses efeitos de sollevamento do real são possíveis sem chave: aliás, é precisamente quando a semiologia quer ser uma chave que ela não desvenda coisa alguma”.

SABER COM SABOR: O SIGNO SENSÍVEL

Para Roland Barthes, a semiologia é concomitantemente *ativa e negativa*, ou melhor, *apofática* (do grego *apofatikos*, “negativo”): “ela é negativa não por negar o signo, mas porque nega que seja possível atribuir-lhe caracteres positivos, fixos, a-históricos, a-corpóreos, em suma: científicos” (Barthes, 1980, p. 39).

Nesse momento, lançam-se as diretrizes epistemológicas que rompem com o método estruturalista, na medida em que o autor já não crê mais ser possível viabilizar uma ciência do signo sem que se leve em conta o contexto sociopolítico e histórico. Na concepção barthesiana mais madura, esses fatores parecem querer dizer muito mais e produzir muito mais sentido sobre o signo. O signo passa a ser tomado a partir de sua realidade linguística e translinguística, sendo inseparáveis suas faces social e histórica. A semiologia barthesiana seria uma aventura (aquilo que acontece) que vem do significante: uma hegemonia do significante em relação ao significado. O signo é lido como uma produção social e histórica.

O conceito *apofático* leva o ensino da semiótica barthesiana a duas consequências. A primeira é entender a semiologia como uma metalinguagem, uma vez que, desde sua origem, pressupunha-se ser linguagem sobre linguagens, o signo pleno que se esconde e se revela sob o olhar de uma leitura apurada do semiólogo em signo vazio. Mas isso não nos leva a crer em “metalinguagem e ciência, como se uma fosse a condição obrigatória da outra, quando a primeira não é mais do que signo histórico da segunda, refutável” (Barthes, 1980, p. 38). A segunda consequência apontada pelo autor é a de que a semiologia tem uma relação com a ciência, mas ela mesma não pode ser considerada como uma disciplina: “[...] ela pode ajudar certas ciências, ser, por algum tempo, sua companheira de viagem, propor-lhe um protocolo operatório a partir do qual cada ciência deve especificar a diferença do seu *corpus*” (Barthes, 1980, p. 38).

Quando Barthes se refere à semiologia ativa, ele quer dizer que ela não repousa numa *semiófisis*, uma naturalidade inerte do signo, nem mesmo uma *semioclastia*, destruição do signo (como pretendiam seus primeiros escritos semiológicos), mas, sim, uma *semitropia*, uma ciência voltada para o próprio signo: “[...] este a cativa e ela o recebe, o trata, e, se preciso for, o imita, como espetáculo imaginário” (Barthes, 1980, p. 40). Portanto, o semiólogo é um sujeito que joga com os signos, “cuja fascinação saboreia, quer fazer saborear e compreender. O signo [...] é sempre imediato, regrado por uma espécie de evidência que lhe salta aos olhos, como estalo imaginário” (Barthes, 1980, p. 40).

A semiótica barthesiana não é hermenêutica, não tem a pretensão de ser uma ciência que tem como objeto a interpretação de um conjunto de signos, pois não é necessário implodir o signo (semioclastia), mas aprender a desenvolver um olhar apurado e crítico do signo. O semioticista muito mais deposita sobre o signo (tela incolor) gotículas de tinta colorida que antes ali não estavam (lê o sentido evidente do significante) do que

faz um trabalho árduo de retirar as pedras de tudo o que encobre a superfície do signo (uma desmontagem para se trazer à tona o verdadeiro sentido). Nesse sentido, o signo é muito uma ficção ou mesmo um véu pintado: não basta ter olhos dotados de aparatos que possam cercar o objeto e trazer à tona o real sentido do signo (vazio), mas é preciso ter antes corpo e sentidos corporais apurados de uma sensibilidade selvagem (sem código) para que possamos espantar com tudo o que nos cai a nossa frente, e nos deparar com aquilo que está evidente.

A semiótica barthesiana rompe com o conceito nietzschiano de ciência adiafórica, isto é, indiferente com relação ao seu objeto. Barthes (2003, p.25) almejava não uma semiótica que fosse mais “um murmúrio de trabalhos indiferentes, que indiferenciavam o objeto, o texto, o corpo”, mas uma ciência que provocasse estalo (“*tilt*”), perturbação. Essa ciência perturbadora nasce a partir da percepção de um *corpus* como um conjunto de textos com o qual possamos manter uma “relação amorosa”, na qual consigamos abstrair a figura da enunciação (o sujeito que fala), e não como mera serventia do imaginário científico, de onde possamos retirar a estrutura.

Se a semiótica é uma leitura clara e sensual dos vários “textos” que a cultura produz, ela não poderia ter por objeto de estudo senão “todos os textos do imaginário: as narrativas, os retratos, as imagens, as expressões, os idioletos, as paixões, as estruturas que jogam, ao mesmo tempo, com uma aparência de verossimilhança e com a incerteza de verdade” (Barthes, 1980, p. 41).

A CÂMARA CLARA, UMA TEORIA SEMIÓTICA SUI GENERIS DO SIGNO FOTOGRAFICO?

É o Barthes do corpo que fala nesse texto, no entanto, um corpo melancólico que sofre a dor do luto de uma perda recente – sua mãe. Diante de *A Câmara Clara* defrontamos com o negativo fotográfico do qual o positivo

seria *O Império dos Signos*. Nesse livro o escritor encontra o gozo do signo que o texto projeta sobre a realidade, enquanto, por oposição, naquele o prazer é substituído pela dor da perda. O texto sugere uma maneira de pensar a realidade diante do signo fotográfico. Nessa obra, o autor faz do signo fotográfico – diluído no signo verbal – uma forma de luto. Em termos barthesianos, temos que uma foto é sempre uma perda (a falta).

Em termos do estatuto semiótica da fotografia, como bem insere Martine Joly em *A Imagem e Sua Interpretação*, os escritos de Barthes a respeito da imagem fotográfica não tratam da procura de “outras teologias” (expressão do próprio autor) para criticar as teorias que o precederam. De maneira elegante, sem um discurso repleto de palavras de ordem, o autor soube conduzir o olhar do leitor para pensar “[...] a novidade e o futuro da reflexão sobre o significado e a interpretação da imagem nas nossas sociedades” (Joly, 2002, pp. 257-8).

A escritura barthesiana faz do plano de expressão (forma) o próprio conteúdo. Em seu derradeiro ensaio em vida, Barthes deixa uma silhueta evanescente, rastros, pegadas, gestos escriturais para se pensar, seriamente, a fotografia – registro fotoquímico de que algo existiu e aconteceu (“*ça a été*”).

A fotografia não é mais um objeto de estudo teórico relativo, mas o sujeito de uma experiência absoluta – prática, afetiva e existencial. Passamos, então, de uma problemática da imagem como um objeto para aquela do sujeito em face da imagem fotográfica. Nesse livro, o semioticista interroga sobre o visível e não sobre o que se dá a ver: aquilo que é concretamente visto pelo sujeito. Trata-se de pensar na “configuração semiótica da luz” e de como ela se apresenta como construção.

Para a escritura desse livro, Barthes se coloca na posição do selvagem que se espanta com tudo o que vê à sua frente. Experimenta, em plena sensibilidade, a qualidade do signo – que provém da fotografia – quando pouso o seu olhar sobre ela. É a qualidade da consciência imediata, uma impressão (sentimento) *in totum*, indivisível, não analisável, inocente

e frágil. A consciência encontra-se diante de uma pura qualidade de sentimento. Deixar-se guiar pela qualidade dispara em Barthes uma sensação, provocando um sentimento, uma reação específica, uma comoção do indivíduo em relação ao estímulo. A ação se concretizou na forma de escritura. A qualidade do sentimento que provocou uma reação se traduziu, por meio da mente interpretadora de Barthes, em verbo – o verbo se faz carne. O que era mera qualidade encarnada no signo fotográfico desperta em Barthes uma sensação que o coloca em posição de escritura, um deleite do signo – tanto para prazer, quanto para dor – que pode despertar numa mente interpretadora. Para Barthes, é inegável a fulgurância de alguns signos fotográficos, que são, na sua mera qualidade de signo, capazes de despertar os mais profundos sentimentos. Nesse sentido, há, em *A Câmara Clara*, uma semiótica da fotografia, do signo fotográfico, em termos sensíveis em que faz o signo passar pelo corpo. Sendo uma pura ficção, um véu pintado, o signo é a ponte da mediação entre o corpo e os sentidos corporais do ser humano com o mundo. Um processo de mediação – *semiose* – sem fim.

Ao expressar, ao fazer a mediação do signo fotográfico com o mundo, Barthes sente a necessidade de nomear dicotomicamente esse mundo sígnico que advém da fotografia, que ele denominou por meio de duas palavras latinas: *studium* e *punctum*.

Studium vem do verbo *studare*, que é um estudo do mundo: tudo aquilo que não tem pungência, o mundo demasiadamente clicado. É o esforço por parte do fotógrafo em agradar ao gosto de alguma maneira: “ao interesse geral, cultural, civilizado, que se tem por uma foto” (Barthes, 2004, p. 42).

O *punctum* vem do verbo latino *pungere*, “picar”, “furar”, “perfurar”. Conotativamente, trata-se daquilo que é pungente, que corta, fere, sensibiliza, alfineta e amortiza. Refere-se àquelas fotos que o tocavam “[...] mais vivamente do que por seu interesse geral, por um pormenor que vem me prender, me cativar, me acordar, me surpreender, de maneira bastante enigmática” (Barthes, 2004, p. 42).

Quando o autor analisa o mundo do signo fotográfico e o articula por meio desse par opositivo – *studium/punctum* –, é evidente que, sem ter o desejo de fazer uma teoria do signo fotográfico, acaba por efetuá-la. Roland Barthes coloca seu leitor em estado de meditação e o faz pensar, e sentir – como ele fez na tessitura do próprio texto do livro – o signo fotográfico, e incita o leitor, o observador, o contemplador que se coloca diante de uma foto, à difícil tarefa de escutar o significante e de encontrar ou não, nesse processo, a pungência do fotográfico no limite da linguagem.

O recorte metodológico que aparece em *A Câmara Clara* constitui uma leitura das imagens técnicas através de um olhar – lente fotográfica – que, embora um pouco mecânico, sabe, na retina do tempo, sentir, conhecer

e reconhecer o que está posto na superfície do registro fotográfico. Na esteira do pensamento barthesiano, a fotografia é considerada como suporte de sentimentalidade, onde há um curto-circuito temporal, a ternura manifesta diante daquilo que não volta mais, daquilo que é inapreensível. Isso pertence ao que poderíamos denominar de primeiro nível de apreensão de uma foto. Num segundo nível, observamos uma foto, reconhecemos o que nela (suporte) está registrado, seus motivos. Por fim, há ainda um terceiro e instigante nível de análise que opõe o simples ato de ver fotos ao de lê-las. Ler requer um olhar atento que saiba decifrar uma linguagem visual e as suas especificidades. A chave do pensar semiótico de Barthes está, antes, no sentir aquilo que está posto diante dos olhos. Pura poética da imagem; puro deleite dos sentidos.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo, Cultrix, 1980.
- _____. *O Óbvio e o Obtuso: Ensaios Críticos III*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- _____. *Elementos de Semiologia*. São Paulo, Cultrix, 1996.
- _____. *O Prazer do Texto*. São Paulo, Perspectiva, 2002.
- _____. *Mitologias*. São Paulo, Difel, 2003a.
- _____. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo, Martins Fontes, 2003b.
- _____. *A Câmara Clara: Nota sobre Fotografia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004.
- _____. *O Império dos Signos*. São Paulo, Martins Fontes, 2007.
- BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres Complètes*. Paris, Seuil, 1968.
- CALVET, Louis-Jean. *Roland Barthes: uma Biografia*. São Paulo, Siciliano, 1993.
- CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem e Outras Metas*. São Paulo, Perspectiva, 2004.
- DOSSE, François. *História do Estruturalismo*. 2 vol. São Paulo, Edusc, 2007.
- JOLY, Marty. *A Imagem e Sua Interpretação*. Lisboa, Edições 70, 2002.
- NOTH, Winfried. *A Semiótica no Século XX*. São Paulo, Annablume, 2005.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Roland Barthes: um Saber com Sabor*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

livros